

Qualificação da aprendizagem no curso de Direito pela devolutiva da avaliação

Qualification of learning in the Law course by the feedback of the evaluation

Adival Aparecido de Oliveira(1); Susana Gakyia Caliatto(2)

1 Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, MG, Brasil.

E-mail: adivaloliveira@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6854-2867>

2 Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, Brasil.

E-mail: caliatto.sgc@gmail.com | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8688-653X>

Revista Brasileira de Ensino Superior, Passo Fundo, vol. 6, n. 2, p. 67-83, abril-junho, 2022 - ISSN 2447-3944

[Recebido: junho 21, 2019; Aceito: junho 22, 2020]

DOI: <https://doi.org/10.18256/2447-3944.2022.v6i2.3439>

Sistema de Avaliação: *Double Blind Peer Review*

Como citar este artigo / How to cite item: [clique aqui/click here!](#)

Resumo

O estudo analisa, a devolutiva da avaliação aos estudantes de um curso de Bacharelado em Direito de uma instituição de ensino superior privada do interior do Estado de São Paulo. O objetivo foi investigar se a devolutiva é esclarecedora aos estudantes e lhes proporciona alguma qualificação na aprendizagem. Os resultados apontam que a devolutiva da avaliação da aprendizagem é benéfica e, por conseguinte, cooperadora no aprendizado, pois os participantes mencionaram estar satisfeitos com os feedbacks que recebem de seus professores, os quais são acessíveis quando fazem devolutivas. Assim sendo, sugere-se que a devolutiva, melhora o conhecimento sobre o conteúdo e permite retomar e compreender o que foi ensinado, qualificando a aprendizagem em sala de aula.

Palavras-chave: Aprendizagem. Avaliação. Devolutiva. Ensino Superior.

Abstract

The study analyzes the feedback of the evaluation to students of a Bachelor of Law course at a private higher education institution in the State of São Paulo. The objective was to investigate whether feedback is enlightening to students and provides them with some qualification in learning. The results show that feedback from the learning assessment is beneficial and, therefore, cooperative in learning, as the participants mentioned being satisfied with the feedbacks they receive from their teachers, which are accessible when making feedback. Therefore, it is suggested that feedback, improves knowledge about the content and allows to resume and understand what was taught, qualifying the learning in the classroom.

Keywords: Learning. Evaluation. Feedback. Higher Education.

Avaliar é, quase sempre, um ato natural, um hábito exercido entre os homens em vários momentos e em distintas ocasiões. Uma das ocasiões nas quais a avaliação se faz presente é no ambiente educacional, de maneira mais específica, quando da aprendizagem. Pesquisou-se a perspectiva dos alunos do curso de Bacharelado em Direito de uma Instituição de Ensino Superior (IES) privada do interior do Estado de São Paulo, a fim de saber se a devolutiva da avaliação é esclarecedora aos estudantes e lhes proporciona alguma qualificação na aprendizagem. O presente estudo é um recorte da investigação realizada no âmbito de Mestrado em Educação¹ e os resultados apresentados buscam responder ao objetivo proposto no presente artigo.

Neste estudo, contextualiza-se a avaliação a partir do entendimento de alguns dos principais expoentes (HOFFMANN, 2006; LIBÂNEO, 2006; LUCKESI, 2017) do tema na literatura nacional e de outros pesquisadores da área, considerando as definições, argumentos e motivações de aplicação da avaliação. Em Luckesi (2000, p. 9) verifica-se que “[...] para avaliar, o primeiro ato básico é o de diagnosticar, que implica, como seu primeiro passo, coletar dados relevantes, que configurem o estado de aprendizagem do educando ou dos educandos”. e Libâneo (2006) define que a avaliação é uma tarefa didática de grande relevância para a prática do professor, e que, por meio deste processo se pode verificar se há êxito no trabalho educativo, no desenvolvimento de habilidades e atitudes dos estudantes, as quais são esperadas no alcance dos objetivos educacionais.

Justifica-se que verificar como se dá o processo avaliativo pode colaborar para o conhecimento de parte importante da realidade dos estudantes universitários. Com isso é possível, pensar ou (re)pensar a forma de se exercer a devolutiva das avaliações de modo que essa atividade possa conduzir bons resultados de aprendizagem e sua maior qualidade no Ensino Superior.

1 Em busca de definição de avaliação e sua devolutiva

A avaliação da aprendizagem é definida em muitos trabalhos teórico-científicos, de modo que as concepções sobre o tema podem ser apresentadas de formas distintas. Isso ocorre porque a avaliação integra um rol de atividades que estão sujeitas à reflexão humana. Para Gatti (2009) o seu sentido tem base na crença do professor e na sua realidade docente. Em termos pedagógicos a avaliação é uma atividade ou uma técnica adotada pelo professor, segundo as suas intenções de conhecer como se dá a aprendizagem dos seus alunos e verificar o que deve ensinar.

Nesse contexto, apesar de seu caráter particular, a avaliação tem fundamentalmente, dois objetivos: assistir ao aluno em seu processo de desenvolvimento pessoal e formativo e, posteriormente, mostrar à sociedade o resultado qualitativo das ações educacionais realizadas na escola, em prol do educando (LUCKESI, 2017). De acordo com esta afirmativa tem-se que:

1 Disponível em: <http://www.univas.edu.br/me/docs/dissertacoes2/152.pdf>.

[...] a avaliação é concebida e praticada de diversas maneiras. Pode ser vista como instrumento de medida destinado à verificação da aprendizagem ou como meio de diagnóstico para subsidiar a análise e reflexão das atividades de ensino e acompanhamento do aluno (CAVALCANTE; MELLO, 2015, p. 427).

De acordo com Cavalcante e Mello (2015) a avaliação deve proporcionar condições para uma tomada de decisão do professor, orientando o fazer pedagógico que conseqüentemente pode gerar ou não, certa eficiência, na qual a educação e o aluno são privilegiados. Na mesma direção aponta Both (2012, p. 98), o qual descreve que “a avaliação e a aprendizagem têm como finalidade a educação, formando um conjunto pedagógico que resulta na qualificação do indivíduo”.

Na perspectiva de Hoffmann (2006), para quem deve-se ponderar o objetivo da avaliação e pô-lo a serviço da aprendizagem quando há a intenção de, por meio da dinâmica educacional, desenvolver moral e intelectualmente o aluno, a avaliação vai além de medir o que o aluno aprendeu, propicia *feedback* e autoavaliação. A mesma autora sugere que essa promoção se faz com um processo de ensino-aprendizagem planejado, fundamentado na legislação específica e nos objetivos pretendidos de aprendizagem.

A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, (LDB/1996), em seu art. 13, inciso V, afirma que compete aos docentes ministrar as aulas, participar integralmente dos períodos dedicados ao planejamento, à avaliação e ao desenvolvimento profissional dos alunos (BRASIL, 1996). Vê-se que do ponto de vista legal, a avaliação da aprendizagem é de responsabilidade do professor, o qual também dirige todo o processo de ensino-aprendizagem. Dada a condução do processo avaliativo que mensura a qualidade da aprendizagem e aquisição de conhecimento, deve-se reconhecer a necessária:

[...] presença de professores eficazmente formados, comprometidos e desse modo motivados, que sejam ao mesmo tempo *sensíveis às possibilidades e contribuições de todos seus alunos*, dentro de um contexto que ofereça condições para essa aquisição (BERNSTEIN, 1998, p. 126-127. Grifo nosso).

Acredita-se que a organização e o aprimoramento do trabalho avaliativo podem ser beneficiados pelo diálogo do professor com o aluno sobre o próprio processo de avaliação da aprendizagem, sendo o momento propício para isso, o espaço da aula em se que trata da devolutiva das atividades avaliativas. Momento oportuno para o professor, segundo Borges (2014), ser empático direcionando o aluno a identificar seus pontos fracos e buscando meios de superá-los.

A devolutiva da avaliação da aprendizagem, expressão criada no contexto da presente pesquisa, é apresentada, usualmente na literatura, como *feedback*. “Na área educacional, *feedback* refere-se à informação dada ao aluno que descreve e discute seu desempenho em determinada situação ou atividade” (ZEFERINO et al., 2007, p. 177). No presente estudo os termos serão usados como sinônimos. O termo *feedback* é entendido como ato de devolver as atividades avaliativas, anteriormente corrigidas pelos professores, aos alunos, acompanhado ou não de uma discussão em sala de aula, mas, com apontamentos escritos, relativos aos acertos ou erros da prova ou dos trabalhos (BORGES, 2014; SHUTE, 2008; ZEFERINO et al., 2007).

O *feedback* formativo pode proporcionar melhoras nos desempenhos dos educandos (ZEFERINO et al., 2007). Shute (2008) concorda e aponta que o *feedback* é “[...] a revisão como informação comunicada para o aprendiz com a intenção de modificar seu comportamento ou seu modo de pensar objetivando uma melhoria no aprendizado” (p. 153). Como uma atividade, a oferta da devolutiva favorece meios para o estudante refletir sobre a sua própria aprendizagem. Assim, a devolutiva também é entendida por Romão (2011), o qual observa que ela:

[...] é a possibilidade de uma reflexão sistemática em torno de erros e acertos, em torno de mecanismos de raciocínio que foram desencadeados na formulação de questões e nas respostas a elas dadas pelos alunos, constituindo-se numa das etapas mais ricas da relação pedagógica. É nos comentários e discussões das provas e trabalhos corrigidos que se tem momentos privilegiados de aprendizagem, para ambos os lados! E sabemos como essas oportunidades são raras nas escolas, porque o que assistimos é, na maioria das vezes, à praxe da “matéria vencida” ao final da correção e à simples entrega dos resultados das provas (p. 73).

De acordo com Romão (2011) a participação do aluno na correção das atividades avaliativas é uma medida muito apropriada, do ponto de vista pedagógico. Essa interação entre os sujeitos no processo de ensino-aprendizagem pretende alcançar uma aprendizagem sólida, refletida e mais efetiva, a qual o autor denuncia como uma prática escassa e pouco aproveitada nos cotidianos da escola. Em relação à participação dos estudantes no processo avaliativo, Sant’anna (1995, p. 27) acrescenta que “A avaliação só será eficiente e eficaz se ocorrer de forma interativa entre professores e alunos, ambos caminhando na mesma direção, em busca dos mesmos objetivos”.

Como uma atividade prática em sala de aula, a devolutiva pode oferecer aos professores e estudantes o diálogo e a reflexão sobre os conteúdos trabalhados em aula e a forma de apresentação destes. Oportuniza também que se debata como se deu o desempenho do papel de cada envolvido, a fim de modificar o indesejável erro, mas, também de acentuar aspectos positivos e comportamentos adequados que motivem o estudante a repetir os acertos (ZEFERINO et al., 2007).

A devolutiva, conforme explicitado, contribui com a aprendizagem congregando a ação conjunta do professor e do aluno. O professor, por um lado, age de modo a realçar os pontos favoráveis, orientando a solução dos problemas com vistas ao aprimoramento das habilidades dos discentes, e também inspira certa autoconfiança, apontando os pontos merecedores de atenção e incentivando a busca por melhorias. Por outro lado, o aluno, ao receber a devolutiva, há de aceitar os esclarecimentos ofertados adotando uma postura proativa e responsável pela própria aprendizagem. Ao assumir responsabilidades desperta-se o senso de crítica, pois “O aluno se compromete com o esforço necessário para reduzir a distância entre o que ele sabe e o que é capaz de fazer, entre o nível de aprendizado que está e o nível de capacitação a ser atingido” (BORGES, 2014, p. 326).

Em síntese, a avaliação não se configura uma ferramenta ou técnica de ensino isolada e finalística, aplicada em um momento único. É melhor definida quando considerada uma prática promotora de diálogo e aprendizado. Por isso, dita Luckesi que a avaliação é para ser pensada como “[...] uma atribuição de qualidade aos resultados da aprendizagem dos educandos” (2017, p. 54).

2 Tipos de avaliação contextos educacionais

Uma consulta à história mostra que quando se trata de avaliação da aprendizagem escolar o enfoque dava-se no julgamento do desempenho do aluno, de forma objetiva, considerando sobretudo os acertos e os erros aferidos nas questões de provas, testes e exames (NOLL, 1965). Mais tarde, a avaliação pautou sua verificação em critérios expressos em objetivos, calcados previamente, passando a ser realizada de forma mais ampla e contínua (SOUSA, 2000). Apesar disso, Noll (1965, p. 15), conclui que “[...] o importante não é que o processo seja denominado testar, medir ou avaliar, mas sim que se determine o progresso ou o status do estudante com relação ao objetivo visado”.

Jorba e Sanmartí (2003, p. 24-25) apuraram que “[...] é sobre a avaliação que gira o trabalho escolar [...] um bom dispositivo de avaliação deve estar a serviço de uma pedagogia diferenciada capaz de dar resposta aos interesses e dificuldades de cada aluno”. Os autores revelam que a avaliação da aprendizagem faz parte do cotidiano educacional e inclui os envolvidos com o fenômeno educativo. É constituída de um procedimento continuado, de modo que favoreça a análise das atividades dos discentes, mas, que também propicie estímulo ao estudante para que seja produtivo e participante da elaboração do seu aprendizado.

Trata-se, segundo Haydt (1997, p. 13) de “um processo contínuo e sistemático”, e por isso, a avaliação “[...] não pode ser esporádica nem improvisada, mas, ao contrário, deve ser constante e planejada”, cumprindo três funções básicas: “[...] diagnosticar, controlar e classificar o nível de aprendizagem dos educandos. Com isso, há três modalidades de avaliação, a “[...] diagnóstica, formativa e somativa” (Ibidem, 1997, p. 16).

A avaliação diagnóstica é considerada externa ao processo de ensino-aprendizagem. É aplicada antes da explicação de conteúdos novos, de forma que visa traçar um perfil dos alunos de maneira prévia ao início das atividades educacionais, antecipando elementos que vão auxiliar o trabalho de planejamento e estabelecimento de metas do professor (RABELO, 1998). Dessa avaliação não se faz devolutiva ao aluno porque não é ele quem vai se comprometer com os resultados, mas o próprio professor que a realiza.

A avaliação formativa supõe a devolutiva. “É principalmente através da avaliação formativa que o aluno conhece seus erros e acertos e encontra estímulo para um estudo sistemático” (HAYDT, p. 17-18). Não basta que o professor aplique uma prova ou instrumento de avaliação sem a realização da devolutiva logo em seguida. Isso significa que as questões avaliativas da prova, por si mesmas, não propiciam uma análise e superação dos erros. Também concorda Perrenoud (2008, p. 68) ao apontar que “Uma avaliação formativa [...] dá informações, identifica erros, sugere interpretações quanto às estratégias e atitudes dos alunos e, portanto, alimenta diretamente a ação pedagógica”.

A avaliação formativa é a mais completa das formas de avaliação, pois, leva a cabo o processo avaliativo. Esta modalidade considera a tomada de consciência de alunos e professores e o poder decisório destes na implementação de recursos para a superação das dificuldades. Sobre isto, Hadji (2001, p. 20) explica:

O aluno, que não somente saberá onde anda, mas poderá tomar consciência das dificuldades que encontra e tornar-se-á capaz, na melhor das hipóteses, de reconhecer e corrigir ele próprio seus erros [...] O professor será informado dos efeitos reais de seu trabalho pedagógico, poderá regular sua ação a partir disso.

A análise de possibilidades é feita a partir dos resultados das avaliações feitas pelos alunos e tanto a dinamicidade, como a constância da trajetória educacional dos alunos propiciam informações ao professor. Para Tavares (2001, p. 37) a avaliação formativa será “[...] executada durante o processo de ensino, com o intuito de informar como está o desenvolvimento do educando”. É válido lembrar ainda das indicações de Oliveira (2011, p. 51) para quem “[...] a dinâmica da avaliação é complexa e não linear, pois necessita ajustar-se aos percursos individuais de aprendizagem que se dão no coletivo e em múltiplas dimensões”. Uma adequação das avaliações no percurso da aprendizagem, deve considerar um último tipo de avaliação, a somativa”.

A avaliação somativa confere a pontuação certificatória de uma fase e encerra a verificação das habilidades e dos conhecimentos adquiridos pelo aluno durante um determinado tempo. A sua função é classificar os resultados considerando critérios anteriormente definidos (HAYDT, 1997). Também é mencionado pela autora (1997, p. 18) que:

A avaliação somativa, com função classificatória, realiza-se ao final de um curso, período letivo ou unidade de ensino, e consiste em classificar os alunos de acordo com níveis de aproveitamento previamente estabelecidos, geralmente tendo em vista sua promoção de uma série para outra, ou de um grau para outro.

Nesse formato avaliativo a escolha pormenorizada de critérios e objetivos pertinentes é essencial, conforme parâmetros que representem a importância de síntese que compreende. Por meio da avaliação somativa tem-se uma decisão referente à progressão ou à retenção do aluno, pois compara resultados gerais que autorizam observar a progressão do educando frente aos objetivos antes estabelecidos. Assim, mediante comparação, o aluno é classificado a partir de seu nível de conhecimento e rendimento alcançado. Presta-se à comparação de resultados obtidos com diferentes alunos, métodos e materiais de ensino, e, portanto, conforme ensina Luckesi (2002) a avaliação com a função apenas de classificar os educandos não auxilia no desenvolvimento e no crescimento destes na aprendizagem.

Portanto, é imperioso que os envolvidos estejam preparados para ouvir elogios, críticas e recomendações, bem como novas ideias ou pontos de vista distintos. A finalidade é aprimorar as atitudes e comportamentos que cada um desenvolve no processo educativo e melhorar a aprendizagem.

2 Método

A pesquisa objetivou investigar se a devolutiva da avaliação da aprendizagem oferecida aos discentes de ensino superior do curso de Bacharelado em Direito da Instituição de Ensino Superior Privada (IES) pesquisada auxilia na qualificação de sua aprendizagem. E ainda, identificar se, na concepção dos discentes pesquisados, as devolutivas feitas pelos professores são esclarecedoras. Fez-se um estudo exploratório, por meio de pesquisa de campo, para compreender tais circunstâncias. Os dados foram analisados com base em uma abordagem qualitativa, de acordo com o levantamento das respostas dos participantes ao questionário aplicado.

Participaram da pesquisa, de forma espontânea e por adesão, 163 alunos do curso de Bacharelado em Direito de uma Instituição de Ensino Superior Privadas (IES) localizada no leste paulista, interior do Estado de São Paulo. Os estudantes declararam-se 68 do sexo masculino, o que representa 42%, e 95 do sexo feminino, o que equivale a 58%. Os participantes estavam matriculados do 2º ao 10º período, em razão do curso ser semestral, o que corresponde a cursarem do 1º ao 5º ano. A idade média dos participantes foi de 25 anos e 6 meses.

Aos participantes foi assegurado sigilo, sendo informados que a pesquisa estava de acordo com a Resolução CNS nº 466/2012. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo

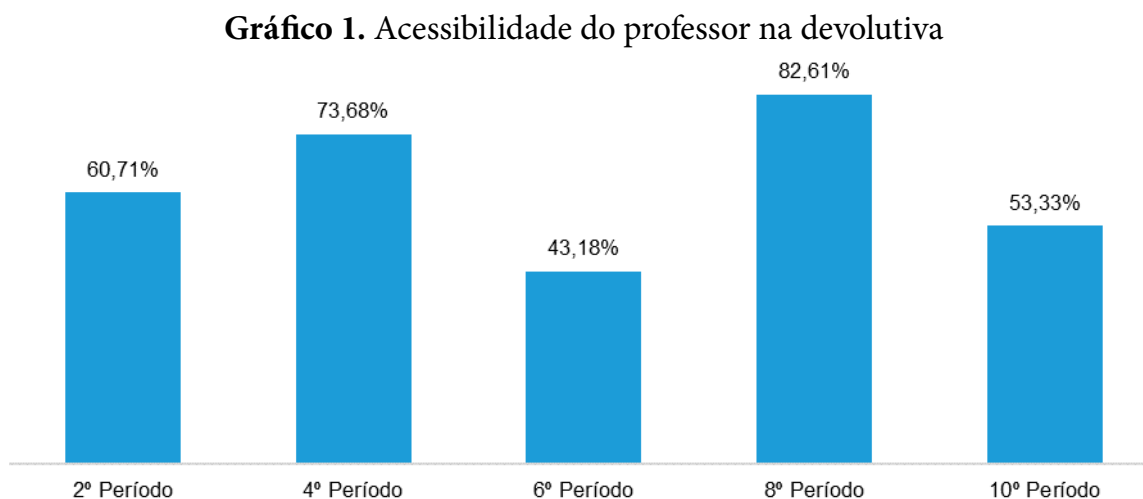
Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade do Vale do Sapucaí, Minas Gerais, conforme o Parecer nº 3.019.044, no ano de 2018. A coleta de dados foi autorizada pelo coordenador do curso de Bacharelado em Direito e foi realizada pelo próprio pesquisador, mediante Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A seguir são apresentados os resultados e feitas as discussões do mote em questão no presente trabalho.

3 Resultados e discussões

Esta seção apresenta os resultados da pesquisa. Os dados são discutidos de modo a elucidarem os resultados obtidos por meio do questionário aplicado, considerando a fundamentação teórica apresentada, de maneira a alcançar os objetivos propostos no presente estudo.

A primeira questão trata da acessibilidade do professor quando dá devolutiva da avaliação aos estudantes. O professor que é acessível promove o estabelecimento de diálogo, o qual é fundamental para o sucesso desta prática educativa. Responderam à questão 99 dos 163 participantes, o que representa mais de 60%, os quais concordam que os professores são acessíveis quando lhes proporcionam devolutiva da avaliação da aprendizagem. Do total de alunos respondentes 64,7% são mulheres e 35,3% são homens.

Pelo Gráfico 1 vê-se a resposta dos discentes para o questionamento sobre a acessibilidade do professor quando oferece devolutiva da avaliação da aprendizagem, por período.



Fonte: Elaborado pelo Autor.

O Gráfico 1 mostra que os alunos de quatro, dos cinco períodos do curso de Bacharelado em Direito pesquisado, em sua maioria, têm a percepção que o professor é acessível quando lhes oferece devolutiva da avaliação da aprendizagem. Esta ocorrência de respostas pode ser interpretada como uma evidência que os professores exercem esta atividade com forte caráter pedagógico, acreditando no diálogo e na reflexão como instrumentos de ensino, conforme aponta Silva (2000):

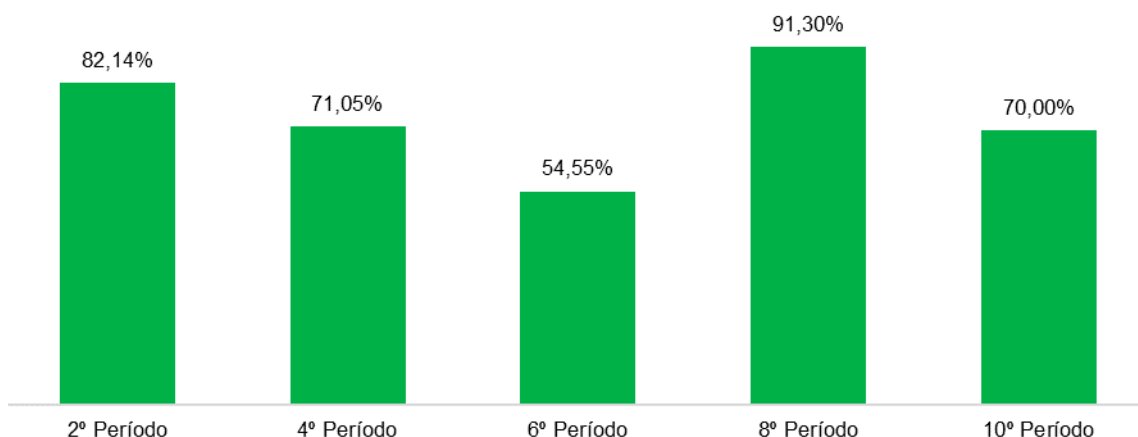
Nessa trajetória do ensino, da aprendizagem, da avaliação, o professor precisa ficar alerta, dialogar, argumentar, expor, estimular o debate sem, no entanto, assumir o ato pedagógico como se fosse o todo-poderoso. Enfim, a avaliação que possibilita crescimento, gera discussão, debates, funda-se numa relação dialógica e dialética. Implica *feedback* (p. 7).

Se por um lado os alunos do 6º período apresentam percentual inferior a 50% de concordância, por outro, mais de 82% dos alunos do 8º período consideram seus professores acessíveis na oferta de devolutivas das avaliações. A aleatoriedade dos resultados, na questão do Gráfico 1, não oferece evidências de relações entre a acessibilidade do professor e o período. Ou seja, não se especula que a percepção de acessibilidade ao professor, pelo estudante, muda em relação ao período que está matriculado.

Contudo, pode se considerar evidente que as mulheres, quando comparadas aos homens, notam maior abertura dos professores no momento das devolutivas da avaliação. Estes dados oferecem uma comparação entre os sexos para o levantamento de características de percepção comuns entre os estudantes, mas, não tem pretensão de explicá-las.

Em relação à didática e à elucidação do professor quando ele realiza a devolutiva, o questionamento foi respondido por 116 dos 163 pesquisados, os quais representam mais de 71% dos participantes. Dos estudantes que responderam esta questão, 58,6% são mulheres, enquanto 41,4% são homens, o que aponta que as alunas notam mais didática e elucidação quando os professores fazem a devolutiva da avaliação. Os resultados para esta questão são apresentados no Gráfico 2 e discutidos a seguir.

Gráfico 2. Didática e elucidação do professor ao realizar a devolutiva



Fonte: Elaborado pelo Autor.

Tem-se por meio de interpretação do Gráfico 2, que a maioria dos discentes do curso pesquisado consideram, em geral, que o professor é didático e esclarecedor ao

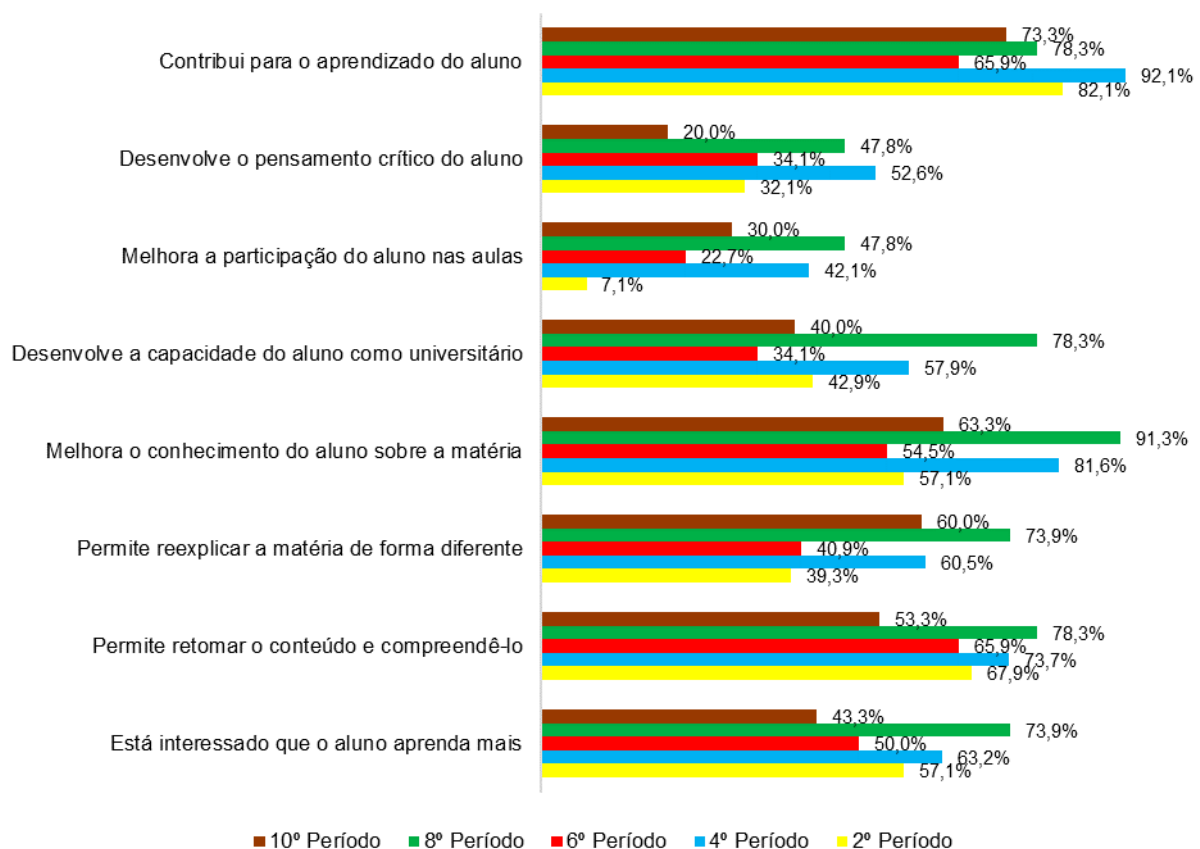
fazer devolutiva da avaliação da aprendizagem. Destaca-se a alta manifestação de mais de 91% dos alunos do 8º período, enquanto a referência menos efusiva é evidenciada pelos alunos do 6º período, com pouco mais de 54%.

Os resultados apontam boa didática do professor, o que pode confirmar a sua acessibilidade ao fazer devolutiva. Há também uma reafirmação do caráter pedagógico da devolutiva, pois, além do diálogo que promove, esclarece os alunos quanto aos conteúdos trabalhados nas aulas e aqueles sobre os quais foram avaliados, provoca aprendizagem. Conforme aponta Tavares (2001, p. 37) a avaliação formativa, a qual integra a devolutiva deve ser “[...] executada durante o processo de ensino, com o intuito de informar como está o desenvolvimento do educando.”

O último objetivo do presente estudo versa sobre a qualificação da aprendizagem por meio da ação de devolutiva dos professores. Luckesi (2017) ao apontar os objetivos da avaliação da aprendizagem, condiciona o processo avaliativo à apresentação dos resultados qualitativos das ações educativas que a instituição educacional realiza.

Para verificar a percepção dos estudantes em relacionar a atividade de devolutiva da avaliação e a qualificação da aprendizagem foram oferecidos oito itens para escolha, sem limite de opção. Conforme pode ser observado, no Gráfico 3 são apresentados os itens e os resultados em porcentagem, por períodos.

Gráfico 3. Qualificação da aprendizagem, comparativo por períodos



Fonte: Elaborado pelo Autor.

Sobre a qualificação da aprendizagem, aquela na qual o aluno vê melhora em sua aprendizagem, quando as porcentagens de escolhas são comparadas por período em que os estudantes estão matriculados, destaca-se o percentual respondido pelos alunos do 8º período. Conforme mostra o Gráfico 3, em seis dos oito itens, os discentes deste período afirmam ter ganhos para a sua aprendizagem com a devolutiva da avaliação e, com isso, superam as manifestações de escolhas de itens quando comparados aos outros períodos. Pode-se afirmar que esta é a turma que mais reconhece a prática da devolutiva como instrumento que qualifica o próprio ensino-aprendizagem.

Já os alunos do 6º período realizaram poucas escolhas entre os itens, mostrando a percepção de que a devolutiva da avaliação contribui pouco para a qualificação de sua aprendizagem. Considerando estes dois grupos (6º e 8º períodos), verifica-se uma constante diferença de percepção, a qual aponta que as respostas do 8º período estão sempre em maior aproveitamento da atividade de devolutiva.

Os estudantes matriculados no 4º período se destacaram com a porcentagem mais elevada das escolhas no item “contribui para o aprendizado do aluno”. Estes alunos frequentaram menos que a metade do tempo previsto para a conclusão do curso, considerando 10 períodos. Esta característica reforça a importância da prática das devolutivas das avaliações aos alunos, os quais, constatou-se, percebem desde os primeiros períodos que a reflexão e retomada dos conteúdos pode ser uma forma de estudo e conscientização de erros e dificuldades, ou seja, é parte que qualifica o processo de ensino-aprendizagem.

Na mesma perspectiva os resultados mostram que estudantes do 2º período também reconhecem a funcionalidade e a importância da devolutiva como uma atividade que “contribui para o aprendizado do aluno” (82,1% de escolha da resposta) e por “permitir retomar o conteúdo e compreendê-lo” (67,9%). Estes resultados podem ser reveladores por se tratar de jovens estudantes que conseguem perceber a possibilidade de aproveitamento das devolutivas dadas pelos seus professores e têm grande chance de se tornarem estudantes cada vez mais autônomos, conforme aponta a literatura:

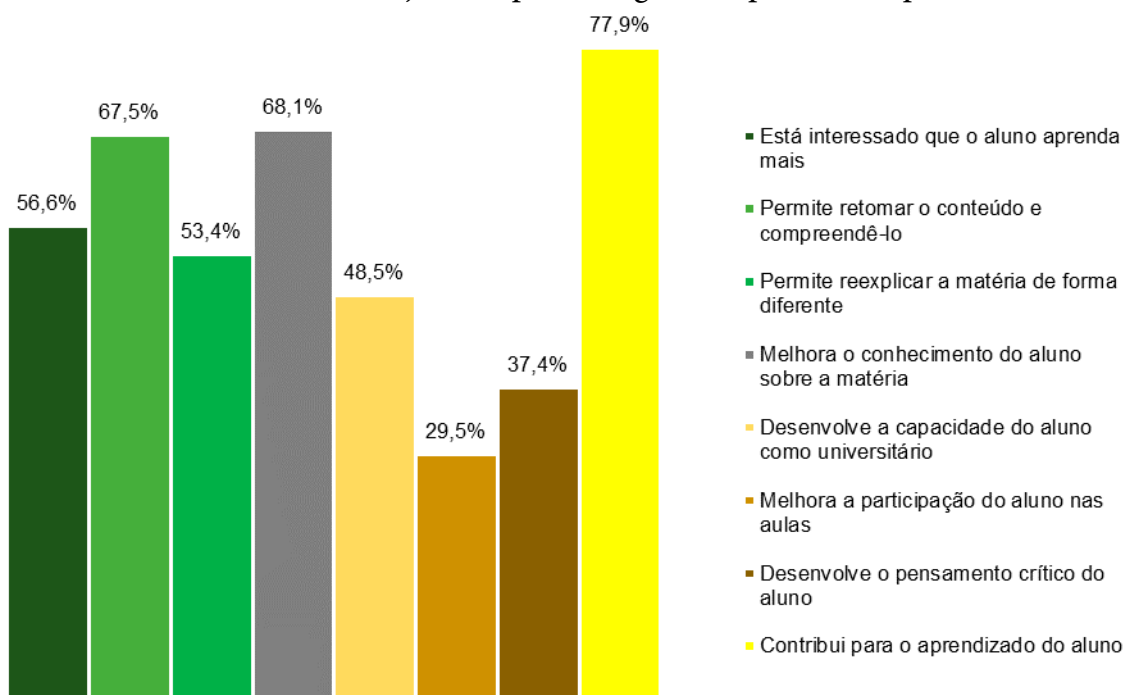
A habilidade de dar e receber feedback melhora os resultados da aprendizagem, uma vez que fornece a base para a aprendizagem autodirecionada e para a reflexão crítica, auxilia os alunos a corrigirem seus erros, reforça comportamentos desejáveis e mostra como o aluno pode melhorar (ZEFERINO et al., 2007, p. 176).

Em comum, os discentes de todos os períodos declaram que a menor contribuição da devolutiva da avaliação é com a melhora de suas participações nas aulas. Dessa forma, dar a devolutiva das avaliações não é percebido pelos estudantes como tendo relação com a participação mais efetiva dos alunos no cotidiano das aulas. Este resultado pode ser insatisfatório para o professor que foi considerado

acessível e esclarecedor. Espera-se que da mesma forma que o espaço da devolutiva seja de aproveitamento didático e pedagógico pelo diálogo que propicia, possam os professores oferecer abertura e para fazerem reflexões sobre os erros e acertos durante o desenvolvimento de todas as aulas (BORGES, 2014).

Quanto ao percentual total por item, em relação à qualificação da aprendizagem, o Gráfico 4 mostra o resultado obtido. Vejamo-lo a seguir.

Gráfico 4. Qualificação da aprendizagem e o percentual por item



Fonte: Elaborado pelo Autor.

Em relação à qualificação da aprendizagem, mostra o Gráfico 4 que para praticamente 30% dos alunos, a devolutiva “melhora as suas participações nas aulas”. O segundo item menos escolhido atingiu cerca de 37% dos alunos, e é referente ao fato da devolutiva auxiliar a “desenvolver o pensamento crítico do aluno”. Estas foram as menores porcentagens de escolha de um item. Com aproximadamente 49%, “desenvolver a capacidade como universitário” foi o terceiro item a apresentar percentual inferior a 50%.

O resultado geral aponta para uma percepção boa dos estudantes em relação à devolutiva da avaliação pelos professores e como esta atividade pode qualificar a aprendizagem. Os demais itens atingiram de 53,4% a 77,9% dos alunos que concordam que a devolutiva da avaliação é útil para o professor “reexplicar a matéria de forma diferente”; para demonstrar que “está interessado que o aluno aprenda mais”; para que o aluno possa “retomar o conteúdo estudado e compreendê-lo”; e ainda, que o aluno tenha condições de “melhorar o seu conhecimento sobre a matéria”, além de adequada a “contribuir para o aprendizado do aluno”. A qualidade da aprendizagem também está presente para mais da metade dos estudantes quando observam que o professor,

ao fazer devolutiva, está “interessado que eles aprendam mais”. Este fato confirma a indicação de que o professor é acessível, didático e elucidador das dúvidas que os alunos possuem em relação ao estudado ou ao avaliado.

Com esses percentuais como resposta, vê-se que os alunos têm na devolutiva da avaliação um momento de aprendizagem. Nota-se que ela é eficaz ao oportunizar ao discente que retome o que estudou e compreenda, principalmente elucidando dúvidas e esclarecendo pontos confusos ou controversos. Além do mais, ao trazer o assunto de volta, em sala de aula, a devolutiva faz com que o aluno aprimore o que aprendeu e adquira novos conhecimentos. Por fim, pode-se afirmar que a devolutiva traz, na percepção dos alunos, qualificação de sua aprendizagem.

Percebe-se que os alunos do curso pesquisado têm uma visão positiva da devolutiva da avaliação da aprendizagem. Eles veem boa vontade do professor em fazê-la, sentem-se acolhidos pelo docente quando a faz, e, principalmente, acreditam que devolutiva contribui para o seu aprendizado. Os discentes sinalizaram que o *feedback* é uma oportunidade de transformar o aprendizado. Ante o exposto, é possível concordar com Tempski e Martins (2012) quando asseveram que “O *feedback* é considerado como uma das fortalezas por ser designado como caminho para a educação transformadora, sendo capaz de orientar a avaliação no processo ensino-aprendizagem.

4 Considerações finais

Por meio da descrição e discussão dos resultados da investigação proposta, atingiram-se os objetivos de saber se a devolutiva da avaliação proporciona qualificação na aprendizagem dos alunos de ensino superior de um curso de Direito e se para estes alunos as devolutivas feitas pelos professores são esclarecedoras. Observa-se que a ação do professor e do aluno evidenciam a probabilidade de se alcançar uma formação humana, social e intelectual sólida, apta a melhorar a aprendizagem do aluno. O professor, enquanto avaliador, diagnostica as ocorrências existentes no percurso do ensino e, a partir das informações coletadas, transforma a sua atuação docente, de modo que ela privilegie o educando e o favoreça em sua aprendizagem.

O processo avaliativo precisa incentivar o aluno a fortalecer sua atuação como sujeito ativo da própria aprendizagem. A avaliação é instrumento hábil a oferecer condições para que se analisem objetivos e se estabeleçam, ou, restabeleçam condutas ou rumos a seguir. No estudo apresentado, há fortes indícios da percepção dos estudantes de que a devolutiva da avaliação pode contribuir de modo satisfatório com a aprendizagem.

Percebe-se que os discentes pesquisados estão satisfeitos com as devolutivas que recebem de seus professores, que esses são acessíveis quando as fazem, que elas são esclarecedoras, e que, finalmente, contribuem para o seu aprendizado. A devolutiva melhora o conhecimento dos educandos sobre os conteúdos ensinados, permitindo a retomada, a compreensão e a aprendizagem dos assuntos tratados nas aulas.

Pela devolutiva dos resultados das avaliações notou-se que há ganho didático e pedagógico em favor da aprendizagem do aluno; contudo, há de se ter cuidado quando de sua oferta, considerando-se as particularidades de cada educando. Espera-se que o professor atue de forma didática ao oferecer *feedback*. Para o professor a devolutiva permite que ele verifique se os objetivos propostos no processo de ensino-aprendizagem foram alcançados ou precisam de ajustes.

É possível ainda sugerir que o professor, quando oferecer a devolutiva, encoraje, respeite, crie confiança em seus alunos. Tais características podem ajudar a gerar um relacionamento de conduta amena, receptiva, além de possibilitar um diálogo reflexivo e de constante busca da melhoria do processo de ensino-aprendizagem, por ambas as partes. Esta sensibilidade para dar devolutiva previne conflitos e desgastes, cuidando da atividade educacional de modo a compreender o propósito que ela encerra.

Referências

- BERNSTEIN, B. *Pedagogía, control simbólico e identidade: teoria, investigación y crítica*. Madrid: Ediciones Morata, 1998.
- BORGES, M. C. et al. Avaliação formativa e feedback como ferramenta de aprendizado na formação de profissionais de saúde. *Medicina (Ribeirão Preto. Online)*, v. 47, n. 3, 2014. p. 324-331. Disponível em http://revista.fmrp.usp.br/2014/vol47n3/11_Avaliacao-formativa-e-feedback-como-ferramenta-de-aprendizado-na-formacao-de-profissionais-da-saude.pdf. Acesso em: 12 de maio. 2019.
- BOTH, I. J. *Avaliação: “voz da consciência” da aprendizagem*. Curitiba: Intersaberes, 2012.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 29 de abr. 2019.
- CAVALCANTE, L. P. F; MELLO, M. A. *Avaliação da aprendizagem no ensino de graduação em saúde: concepções, intencionalidades, reflexões*. Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 20, n. 2, p. 423-442, jul. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/aval/v20n2/1414-4077-aval-20-02-00423.pdf>. Acesso em: 4 de maio 2019.
- GATTI, B. A. A avaliação em sala de aula. *Revista brasileira de docência, ensino e pesquisa em turismo*, Cristalina (GO), v. 1, n. 1, p. 61-77, maio 2009.
- HADJI, C. *Avaliação desmistificada*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- HAYDT, R. C. *Avaliação do Processo Ensino-aprendizagem*. 6. ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- HOFFMANN, J. M. L. *Avaliação: mito & desafio - uma perspectiva construtivista*. 36. ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2006.
- JORBA, J.; SANMARTÍ, N. A função pedagógica da avaliação. In: BALLESTER, M. et al. *Avaliação como apoio à aprendizagem*. Tradução de Valéria Campos. Porto Alegre: Artmed, 2003. p. 23-45.
- LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 2006.
- NOLL, V. H. *Introdução às medidas educacionais*. São Paulo: Pioneira, 1965.
- OLIVEIRA, V. do C. de. *Avaliação da aprendizagem na educação a distância online: um estudo sobre as concepções docentes*. Recife, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3734>. Acesso em: 2 de maio 2019.
- PERRENOUD, P. *Avaliação da excelência à regulação das aprendizagens entre duas lógicas*. Porto Alegre. Artes Médicas. 2008.
- RABELO, E. H. *Avaliação: novos tempos e novas práticas*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- ROMÃO, J. E. *Avaliação Dialógica: desafios e perspectivas*. São Paulo: Cortez, 2011.
- SANT’ANNA, I. M. *Por que avaliar? Como avaliar? Critérios e instrumentos*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

SHUTE, V. J. Focus on formative feedback. *Review of Educational Research*, Princeton, v. 1, n. 78, p. 153-189, 2008. Disponível em: <http://www.ets.org/Media/Research/pdf/RR-07-11.pdf>. Acesso em: 12 de fev. 2019.

SOUSA, C. P. de. Dimensões da Avaliação Educacional. *Estudos em Avaliação Educacional*, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, n. 22, p. 101-118, 2000.

TAVARES, A. G. *A avaliação nas disciplinas de composição do curso técnico em desenho industrial do Cefet-PR - a difícil convivência entre objetividade e subjetividade*. Dissertação de Mestrado. Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná. Curitiba: 2001. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rth/article/download/6406/4057>. Acesso em: 28 fev. 2019.

TEMPSKI, P. Z.; MARTINS, M. de A. O papel da Avaliação de Habilidades Clínicas na Educação Médica no Brasil. In Iolanda de Fátima Calvo et al. *Avaliação prática de habilidades clínicas em medicina*. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

ZEFERINO, A. M. B.; DOMINGUES, R. C. L.; AMARAL, E. Feedback como Estratégia de Aprendizado no ensino Médico. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 31, n. 2, p. 176-179, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbem/v31n2/08.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2018.